

ROMPENDO O FIO DE SILÊNCIO A PARTIR DAS CONTAS: Uma Análise Comparativa do Espectro de Identidade Presente na Obra de Aidil Araújo Lima

Ianna Kelly Alexandre Bezerra

*Graduanda no curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal de
Campina Grande.
iannaalexandre1920@gmail.com*

Beatriz Farias Almeida

*Graduanda no curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de
Campina Grande. Bolsista de iniciação científica/CNPQ.
beaalmeida740@gmail.com*

Francielle Loiola Ramos

*Graduanda no curso de Licenciatura em Letras Língua – Portuguesa pela Universidade Federal de
Campina Grande.
francyellelrm@gmail.com*

Tássia Tavares de Oliveira

*Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba e Professora de Literatura da Unidade
Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande.
tassiatavares@gmail.com*

*Simpósio Temático nº 43 – “ESCREVIVÊNCIAS” E MEMÓRIA: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA
FEMININA COMO FORMA DE CONHECIMENTO MARGINAL E CONSTRUÇÃO DE
MEMÓRIA COLETIVA*

Resumo

Neste artigo propomos compreender a voz da mulher negra no debate de questões que envolvem a autodefinição e analisar a importância do coletivo para a consolidação da identidade através de religiões de matriz africana. Posto isto, elaborou-se uma análise comparativa à guisa de um recorte na obra da escritora baiana Aidil Araújo Lima, utilizando os contos “Fio de Silêncio” e “Milho ou Feijão”, na perspectiva de pensarmos de que forma a religião se faz presente na construção identitária da mulher negra na obra dessa autora. Para tanto, foram empregadas proposições críticas e teóricas que balizem nossa discussão, sobretudo a partir de Collins (2019), Gaia *et al* (2021), Gonzáles (1984) e Santana (2017), a fim de trazer à tona vozes historicamente marginalizadas da literatura brasileira em detrimento da intersecção religião, raça e gênero. Assim sendo, pudemos perceber mediante os contos estudados o papel da religião e do coletivo como ruptura com uma



identidade moldada sob o ponto de vista do Outro para a construção de uma nova, pautada na reafirmação e autoconhecimento.

Palavras-chave: Identidade, Religiões de matriz africana, Literatura negra, Feminismo negro.

Abstract

In this article, we seek to understand the black woman's voice in debating issues which involve self-definition and to analyze the importance of collectivity in consolidation of identity through Afro-Brazilian religions. Therefore, a comparative analysis was elaborated by way of making a selection in Bahian writer's Aidil Araújo Lima, utilizing short stories "Fio de Silêncio" and "Milho ou Feijão", under the perspective of thinking how religion is present in identity construction of the black woman in the author's work. For this purpose, critical and theoretical propositions have been used in order to guide our debate, especially through Collins (2019), Gaia *et al* (2021), Gonzáles (1984), and Santana (2017), in order to bring to light historically marginalized voices from Brazilian literature, to the detriment of the religion, race and gender intersection. Thus, we have perceived, through the short stories which were analyzed, the role of religion and collectivity as a break with an identity shaped under the Other's viewpoint to build a new one, based on reaffirmation and self-knowledge.

Keywords: Identity, Afro-Brazilian religions, Black literature, Black feminism.

Introdução

A ambivalência identitária, que compreende uma linha bastante tênue entre opressão e libertação (BAUMAN, 1925, p. 13), perpassa a existência das mulheres negras, que são relegadas à tarefa de "viver duas vidas, uma para 'eles' e outra para nós mesmas" (GWALTNEY, 1980, p. 240 apud Collins, 2019, p. 258). Esta condição dual, porém, pode culminar em uma perda do eu, ou seja, na criação de uma identidade baseada na visão do outro sobre si. É preciso, portanto, elaborar e reelaborar uma consciência sólida no que diz respeito à autodefinição, e aqui compreendemos o processo de se autodefinir como uma forma de resistência frente às imagens depreciativas perpetuadas pelo sistema vigente.



Contudo, Collins (2019) pontua que, individualmente, “resolver contradições dessa magnitude requer uma força interior considerável” (p. 262); portanto, a coletividade sempre exerceu um forte papel nessa resistência, seja por meio do domínio familiar ou do religioso. Nos contos de autoria da escritora baiana Aidil Araújo Lima (2017), selecionados para esta análise, “Fio de silêncio” e “Milho ou Feijão”, a influência do coletivo se faz cristalina: naquele, a protagonista restitui sua identidade fragmentada e imposta ao resgatar cantos e ensinamentos de fé da avó; ao passo que neste, a Irmandade é retratada como âmbito de esperança, purificação, e livramento dos sofrimentos e dores cotidianas das mulheres negras, possuindo, assim, além do claro aspecto cultural, uma relevância sociopolítica. Conseqüentemente, mesmo com o caráter subjetivo e repleto de personalidade da obra de Aidil Araújo Lima, a autodefinição não pode ser vista como um processo individual e restrito ao nível do sujeito: não se trata de uma autossuficiência em relação aos demais, mas sim um reconhecimento contíguo à comunidade.

Partindo do cenário descrito, este trabalho apresenta a seguinte questão motriz: *de que forma a religião se faz presente na construção identitária da mulher negra, na obra de Aidil Araújo Lima?* Diante disso, nosso objetivo geral é promover uma análise comparativa entre os contos “Fio de silêncio” e “Milho ou feijão”, de Aidil Araújo Lima. Para tanto, traçamos como objetivos específicos: a) Compreender a voz da mulher negra escritora e o impacto das produções literárias que envolvem a autodefinição; e b) Analisar a importância do coletivo para a consolidação da identidade em religiões de matriz africana.

À vista disso, nosso trabalho busca trazer à tona vozes historicamente marginalizadas da literatura brasileira em detrimento da intersecção religião, raça e gênero, revelando assim, a grandiosidade do poder dessas vozes abafadas até então, e suas contribuições para a literatura brasileira contemporânea. Sendo assim, tomamos como base, especificamente, a autora Aidil Araújo Lima, ao passo que nos inclinamos ao “Oráculo de Aidil” (SANTANA, 2017) em busca de tirarmos da sombra toda escritura reluzente, produzida por quem conhece muito bem o processo sofrido e prazeroso de forjar uma identidade para si, de quem possui o poder de, através das palavras, transformar mazelas em força geradora de esperança. Isso porque ao lermos Aidil Araújo Lima, temos a sensação de estarmos mais perto do divino, do Outro e de nós mesmos.

Desse modo, optamos por organizar nosso artigo através de três sessões que procedem essa breve introdução, são elas: *O poder da voz negra feminina: sobre as projeções de um cotidiano marginalizado*, em que iremos tecer reflexões acerca da importância da escrita de mulheres negras para a autodefinição e solidificação de uma memória coletiva fundamental para o resgate da Ancestralidade afro-brasileira; *Autoconhecimento, poder e voz*, onde procuraremos tecer um paralelo entre a maturidade identitária das mães de santo do conto “Milho ou Feijão”, em contraste à crise identitária da protagonista de “Fio de Silêncio”; e *Simbologia da fé: Religião e Identidade*, que procura discorrer de forma mais aprofundada o modo que a religião e a simbologia religiosa se constituem nos contos, e como estas contribuem para a consolidação identitária das personagens. Em seguida, apresentaremos um tópico

contendo as nossas considerações finais acerca dos apontamentos desencadeados ao longo da pesquisa, seguido das referências que nos guiaram para a feitura da mesma.

O poder da voz negra feminina: sobre as projeções de um cotidiano marginalizado

A concepção de matrizes africanas, no Brasil, transborda o entendimento de uma África rígida quanto às manifestações culturais conservadas no imaginário coletivo dos negros raptados, e deságua em uma readaptação organizada por estes e seus descendentes, a fim de conservar sua origem (GAIA et al, 2021). Em outras palavras, estas religiões partilham de um mesmo denominador comum, apesar das modificações particulares de cada grupo étnico e a região em que se desenvolveram. Sua importância para a construção e solidificação da identidade negra feminina — e aqui salientamos o recorte de gênero proposto pelo trabalho — é incomensurável, visto que, para a cultura Iorubá, “as mulheres são a representação do que há de mais sagrado neste universo” (RIBEIRO, 1996 apud SIMONI, 2019, p. 293).

Ainda de acordo com Simoni (2019), compreendemos a ligação intrínseca entre o movimento de mulheres negras e a religiosidade: “A articulação pela liberdade de existir nasceu nas conversas de terreiro, e as conquistas, mesmo quando ligadas à intelectualidade, perpassavam ou nasciam dentro dos terreiros de matriz africana” (SIMONI, 2019, p. 297). Identitariamente estilçadas diante das representações negativas forjadas pelo outro e transformadas em indivíduos que “não se reconhecem em suas identidades pela falta de representação delas” (BAIRRÃO; PAGLIUSO, 2011 apud GAIA et al, 2021, p. 9), estas mulheres buscaram a autodefinição coletiva em instituições seguras e acolhedoras, neste caso, os terreiros, rumo à libertação pessoal de estereótipos que impregnavam suas vivências.

Consideramos que é de suma importância nos debruçarmos um pouco acerca do processo que demarca o ganho de reconhecimento das vozes femininas negras na esfera da história literária nacional, tendo em vista que, durante séculos, um sistema racista e majoritariamente masculino, branco e cisgênero teceu fios de silêncio em torno dessas produções, colocando-as no limiar dos holofotes canônicos. Entretanto, apesar de obscurecida por tanto tempo, essa história felizmente



insiste em vir à tona, uma história que, de acordo com Gonzáles (2000), é composta por resistências e lutas, em que a mulher negra tem conseguido se mostrar protagonista graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral. O reconhecimento e reencontro com uma identidade que não as deprecia, mas sim afaga as peculiaridades de corpos até então manipulados por padrões eurocêntricos de beleza e intelectualidade, promove uma ascensão ao degrau da autodefinição.

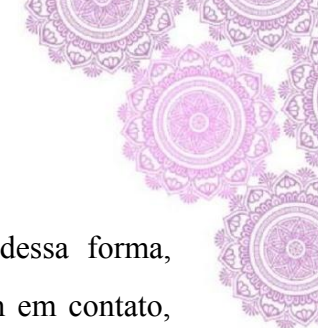
Em consonância a isso, podemos acatar a sugestão de Duarte (2003), e nos imbuirmos da ideia da existência de pelo menos “quatro momentos áureos do feminismo brasileiro” (p. 152), sendo o quarto deles o que se debruçou, dentre outras reivindicações, sob o campo literatura, considerando que:

No final da década de 1970 e ao longo dos anos de 1980, um movimento muito bem articulado entre as feministas universitárias, alunas e professoras, promoveu a *institucionalização dos estudos sobre a mulher* (p. 167, grifo nosso).

O movimento em torno da pesquisa da produção feminina de teor literário, pelas acadêmicas brasileiras, ressaltou a importância de exaltar uma literatura de cunho político e social, que não apenas denuncia os mecanismos de opressão do Estado, como revela as nuances de uma vida que foge da idealização capitalista e meritocrática de um sistema falsamente igualitário, que só concede oportunidades àqueles que “batalham”. Acerca da projeção de vozes silenciadas e violentadas, Santana (2017) muito bem destaca sobre a escrita de Aidil Araújo Lima: “O imaginário coletivo brasileiro é povoado por personagens párias, marginalizadas, com histórias dramáticas. Teremos aqui, a oportunidade de conhecer algumas dessas mulheres em seu cotidiano, vivendo seus conflitos existenciais” (p. 2). Nós, pesquisadoras, ainda precisamos trilhar um longo caminho em busca da radicalização da subalternidade dessas autoras que, devido suas condições (de gênero, raça, classe etc), são colocadas na vala da sombra do anonimato. Verificamos que já não faz sentido julgar essas obras como irrelevantes pelo simples fato de não cumprirem o requisito masculino e branco de produção, pois essas vozes têm muito o que dizer e precisam ser ouvidas.

No que tange à obra de Aidil Araújo Lima, foco desta análise, nós somos presenteadas com um elenco de personagens complexas, às vezes perdidas em sua própria existência, como muitas de nós. São mulheres que vivenciam o dia a dia comum de um Brasil que não proporciona seu bem estar, muito menos zela por sua integridade, mas também são “mulheres afortunadas em vivências, de muitos saberes, muitos conhecimentos, ricas em experiências, em rebelião” (SANTANA, 2017,





p.1). Estas mulheres entoam um canto sobre a alegria de se autodefinirem e, dessa forma, inviabilizam a possibilidade de uma amnésia histórica. Suas sucessoras, ao entrarem em contato, através da fina película da literatura, com uma ancestralidade de matriz afro-brasileira que às pertence, são guiadas a ultrapassar obstáculos antes intransponíveis. Para Gaia et al (2021), a função das Matrizes Africanas, em um país como o Brasil atual, relaciona-se “à psique individual de muitos de seus cidadãos” (p. 9). Esta afirmação pode ser ilustrada, com ênfase, nas produções de Lima (2017), que descreve a crença no Divino como sendo “a mesma fé que sustentou os seus ancestrais as tem sustentado até esse momento” (p. 22).

Além disso, vale salientar que:

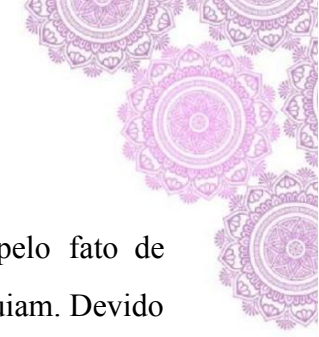
A escrita de mulheres não é um registro que interesse apenas às pessoas que se identificam como mulheres, mas deve, cada vez mais e urgentemente, interessar aos cidadãos e cidadãs que necessitam compreender o mundo e a sociedade em que vivemos, então, o aprendizado do outro se faz necessário (SANTANA, 2017, p. 1, grifo nosso).

Em suma, o trabalho de refazer e refletir a história, trazendo à luz essas escritoras que abriram caminho, reforça a luta e nos faz capazes de romper as barreiras de austeridade.

Autoconhecimento, poder e voz

Nos contos selecionados para análise, como também em outras veredas da obra de Adil Araújo Lima, a questão da identidade se mostra uma temática latente, que se configura como pontapé para as epifanias que acompanham a estética marcadamente subjetiva de sua escrita, imbuída de “ferramentas de poeticidade, deleite, ludicidade e traquejo poético/literário que com o texto que produz” (SANTANA, 2017). Nesse sentido, o autoconhecimento, que subjaz da temática identitária, torna-se ponto chave para a vida de suas personagens, tanto positivamente quanto negativamente — quando a personagem em questão se encontra longe do conhecimento de si.

No que compete às protagonistas de “Milho ou feijão”, as “mulheres de santo” mantêm satisfação e alegria consigo mesmas por possuírem autoconhecimento a partir de uma identidade firmada na esfera da fé, tendo como modelo de vida uma existência pautada na harmonia com o Divino, nesse caso, seus orixás, que, pela proteção que eles as oferecem “Elas despem as afrontas e cantam, suspendendo os rastros de dor; tornam-se sombra, entregam-se ao sagrado” (LIMA, 2017,



p. 65). Portanto, a dor de não se reconhecerem em si mesmas não as atinge pelo fato de constantemente se alimentarem de canto, danças e oferendas às forças divinas que as guiam. Devido à esse perfil já bem estruturado e sólido, suas figuras funcionam como um amparo aos sujeitos que ainda se encontram confusos e buscam na religião um consolo para suas crises, tendo em vista o fato histórico de que “A população brasileira tem o costume de se apoiar no sagrado, visando a dar sentido tanto à vida individual e coletiva como também às relações sociais e com o meio ambiente (BAIRRÃO, 2017 *apud* GAIA *et al*, 2021, p.7)”.

Levando em conta que “tais figuras de sacerdotisas perpassavam as fronteiras do conhecimento religioso e suas ações as faziam transcender de mães místicas a grandes lideranças” (SIMONI, 2019, p. 294), constatamos, em consonância à atmosfera do conto e da escrita de Aidil Araújo Lima que “De alguma forma, somos iniciados [...] em mistérios, em milagres, na sacralidade cotidiana das mulheres negras e pobres do Recôncavo, da Bahia, da América Latina, e que, decerto, encontrará eco em terras d’África” (SANTANA, 2017, p.). Isso porque através da sapiência dessa autora baiana, entramos em contato com uma parte fundamental de nossa cultura que historicamente é desconsiderada no meio literário em detrimento de um cânone racista. Por isso, verificamos que o poder emanado pelas figuras das “mulheres de santo” presentes no conto se configura como uma fonte de poder que emana do plano individual para o coletivo, capaz de exaurir os sofrimentos que advém de uma identidade fragmentada e desconectada, desvelando as vozes livres que entoam cantos de uma vida em sintonia consigo e com o Divino.

Em contrapartida ao deleite identitário vivido pelas protagonistas de “Milho ou Feijão”, temos a personagem principal de “Fio de silêncio”, que vive em um estado de angústia que a dilacera e a deixa desconectada consigo mesma e com sua ancestralidade. Em virtude de uma identidade forjada pelos Outros, turistas brancos, que, ao prometerem retorno — que nunca houve — de um retrato seu, deixaram-na presa na impressão de uma menina que teimava em crescer apegada ao falso autoconhecimento.

Uma “negra linda” posando nos túmulos dos cemitérios de brancos e negros, essa imagem a estagnou e a impeliu a uma existência baseada em devaneios que não contemplavam seus reais anseios, se configurando como um impasse que a impedia desfrutar de uma vida emancipada, isso porque: “Evidenciamos que a religiosidade é também uma forma de conservar a identidade, principalmente em um contexto de opressão, e as mulheres negras são um exemplo desta



afirmação” (SIMONI, 2019, p. 298). Nesse sentido, o fato da protagonista não ter alguém com quem contar para compartilhar esses pensamentos acerca de seu *eu* — destituído de um significado autêntico — contribuiu para que reforçasse um tipo de ideia de que “ali, ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto, adorada, desejada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la” (GONZALES, 1984, p. 224).

Neste caso, somos apresentados à uma situação que, em consequência da carência de guias que lhe auxiliassem no processo de construção identitária, processo esse que, diga-se de passagem, não tem término enquanto há vida, a protagonista de “Fio de Silêncio” prolonga o despertar para uma vida genuína e feliz em virtude de seu apego às concepções que estabeleceram *para* ela e não *a partir* dela. Desse modo, percebemos que redes de apoio se mostram de grande importância para a sensação essencial de pertencimento, que, na condição de seres humanos, necessitamos para que possamos viver com um mínimo de harmonia. Desse modo, a protagonista se perde em ilusões que abarcam essa questão, como por exemplo já na frase de abertura do conto: “Se o avô estivesse no mundo dos vivos a solitaria do retrato só com palavras [...]” (LIMA, 2017, p. 39).

Ainda em relação à questão da importância de redes de apoio como instituições de suporte e amparo para mulheres negras, sendo este um lugar onde há reconhecimento e partilha de dilemas semelhantes, podemos resgatar a ideia de Collins (2019) ao reconhecer que “Esses espaços são não apenas seguros – eles formam os lugares primordiais para resistir à objetificação como o Outro” (p. 263). Isso significa que, ao transgredir processos dolorosos ocasionados por uma identidade fragmentada e perdida, em razão de um autoconhecimento pouco explorado e não fundado em experiências autênticas de experimentação religiosa — conectando-se com o poder que advém de sua ancestralidade — oriunda do apoio e orientação na jornada, percebe-se a configuração de uma voz costurada e abafada pelos fios de silêncio que a protagonista costurava em si mesma, alimentada de falsas esperanças e de concepções de outrem em relação a si. Por isso, “As mulheres Negras se utilizaram tradicionalmente das redes familiares e das instituições da comunidade Negra como espaços para se opor às imagens controladoras da condição de mulher Negra” (COLLINS, 2019, p. 263), ganhando assim, resistência e força para se descobrirem e se autoafirmarem em liberdade.

Além disso, reafirmamos ainda um poder plausível e que precisa ser reconhecido, advindo da própria escritora em detrimento de sua insistência em ir de encontro aos preceitos sociais que



marginalizam sua condição de mulher negra e afro-religiosa abordada em sua obra, já que como afirma Gaia et al (2021), as contribuições dos grupos de Matrizes Africanas ainda permanecem sendo alvo de tanta intolerância racial, que o reconhecimento torna-se uma demanda fundamental para composição da afirmação identitária de tais grupos.

Logo, o impacto presente nos contos, ao abordar personagens femininas negras e o processo identitário destas através das religiões de Matrizes Africanas, se mostra fundamental para o resgate de uma história que resiste e precisa ser contada por vozes com propriedade para fazê-lo, e Aidil Araújo Lima é uma delas, tendo em vista que se trata de “Histórias arquivadas, soterradas, à espera de vozes que as representem e olhos que as leiam. [...] Contando, [a autora] passa a promover escavações arqueológicas a fim de preservar a memória.” (SANTANA, 2017, p. 2). Por conseguinte, sua forma de, através da literatura, tecer fios que libertam vozes há tanto tempo cativas, potencializa e evidencia a luta.

Simbologia da fé: religião e identidade

Na apresentação do livro “Mulheres sagradas”, de onde foram retirados os dois contos que embasam a análise desse artigo, Aidil expressa que “A intenção não é descrever os ritos da religião de matriz africana, o candomblé. É sim, através da beleza e poesia deste povo desconstruir conceitos equivocados, perversos; apresentar o encanto desse legado, através de imagens, histórias de vida sofrida de gente.” (LIMA, 2017, p. 23). Dessa forma, percebe-se na obra de Aidil, e mais particularmente no livro mencionado, uma abordagem sublime e auspiciosa do sagrado que rompe com a imagem pejorativa que a forte intolerância religiosa nacional atribui às religiões de Matriz Africana, discorrendo sobre a resistência negra não apenas pelo já tão conhecido viés da dor, como também sob a ótica da esperança, explorando a libertação por meio da fé.

Para tanto, o recurso do simbolismo para a representação do sagrado marca forte presença em ambos os contos analisados. Os símbolos, como recurso da expressividade humana, sempre caminharam muito próximos da arte; na obra “Imagens e Símbolos” (1979), o mitólogo e filósofo Mircea Eliade constata que “As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psiquê; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: pôr a nu as mais secretas modalidades do ser” (p. 13).



Posto isto, um símbolo comum aos dois textos em estudo é a figura do fio — já presente no título de um deles, “Fio de silêncio”. A ideia do fio antecipa-se, inclusive, ainda na apresentação do livro: “Vasculhando a memória, vou extraindo enredos que *tecem a trama da vida* das mulheres de santo, mulheres negras, resgatando suas histórias. [...]. Aprenderam a não se inquietar com a vida, elas sabem que *a vida já tricou seus destinos*.” (LIMA, 2017, p. 22, grifos nossos); percebe-se, portanto, a associação do *fio* com a *vida* e o *destino*. Ainda segundo Eliade:

De fato, o “fio da vida” simboliza em bastantes países o destino humano. [...] Mas mais ainda: o próprio Cosmos foi concebido como um tecido, como uma enorme “rede”. [...] Daí resulta que um simbolismo bastante ramalhudo exprima duas coisas essenciais: por um lado que no Cosmos como na vida humana, tudo está ligado a tudo por uma textura invisível e, por outro lado, que certas divindades são senhoras destes “fios” que, em última instância, constituem uma vasta ligação cósmica. (ELIADE, 1979, p. 111-112)

O ato de tecer é, ainda, frequentemente associado ao feminino, sendo a figura da tecelã recorrente na mitologia e cosmogonia de diversas culturas (ALMEIDA, 2014, p. 5), como alguns exemplos mais conhecidos da mitologia grega: as irmãs moiras, Penélope, Aracne, Filomena, etc. Em todos esses mitos, a tecitura está, de alguma forma, relacionada ao destino e, mais especificamente nos casos de Penélope e Filomena, à tentativa de tomar as rédeas do próprio destino em uma situação de impotência: “Filomena, sem o poder da fala, tece. Penélope, sem o poder da escolha, borda.” (ALMEIDA, 2014, p. 6).

Em “Fio de silêncio” (LIMA, 2017) temos uma protagonista tecelã também em situação de impotência, nesse caso, representada pela fragmentação e crise identitária, que utiliza o trabalho da costura como tentativa de fuga e desassociação da identidade que lhe havia sido imposta: “Pensava que podia descosturar sua vida do retrato e coser outra com agulha e linha.” (p. 40), que, contudo, não é bem sucedida, como se é precipitado na introdução do conto “[...] a mentira da vida é nos fazer acreditar que podemos costurar esperanças, ela pensava enquanto alinhavava os sonhos de outras mulheres.” (p. 39). Dessa forma, podemos perceber que, devido ao vazio identitário, a personagem não possui domínio sobre o tecer do próprio destino e, tentando atribuir a si mesma algum valor além da aparência — agora já desgastada — encerra-se em mais uma imagem vazia: o fio da vida transfigura-se em fio do silêncio, “Enquanto isso um fio de silêncio costurava sua vida.” (p. 40). Entretanto, o ponto de inflexão do conto se dá quando o fio de costura é substituído pelo fio

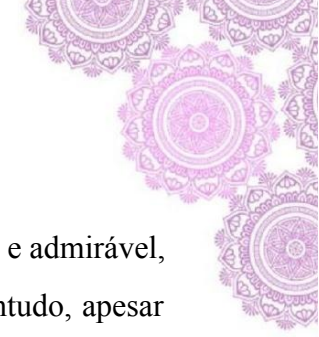


de contas, ou, simbolicamente falando, quando o fio do silêncio retorna ao seu sentido original, e vai ainda além disso, transmuta-se no fio da esperança: “Como é a vida [...] – Coseu tanto pano, e a esperança estava era nas contas.” (LIMA, 2017, p. 40). Apesar de ter um papel central e de maior destaque em “Fio do silêncio”, a figura do fio de contas aparece também em “Milho ou feijão”, trazendo a mesma mensagem de esperança e libertação:

“Elas espantam a tristeza com seu canto, trajadas de cores simbólicas, *enfeitadas com contas de sentido sem tamanho*. [...] Acordam no pensamento a todo instante, a proteção do seu orixá, é só distrair a mão no pescoço, que *as contas iluminam as trevas no caminho*.” (LIMA, 2017, p. 65, grifos nossos).

Entretanto, a importância do fio de contas não se restringe à esperança e profissão de fé, como também está intimamente ligada à questão identitária, à proteção e ao pertencimento. Em reportagem para a Revista Continente desenvolvida por Danielle Romani (2013), o babalorixá Adeildo Paraíso da Silva, conhecido como Pai Ivo de Xambá, afirma que “Elas [as contas] são como um amuleto. É uma identificação com seu orixá. Como cidadão, você tira RG, CPF, certidão de nascimento para ser identificado na sociedade. Como filho de santo, as contas são a identificação sagrada com sua nação”; outro babalorixá consultado na mesma reportagem, Manuel Nascimento da Costa ou Manuel Papai, declara que “Eles [os fios de conta] fazem uma ligação entre o orixá e a matéria como elemento de proteção”.

Os orixás são outra importante marca do sagrado comum aos dois textos. Em “Fio de silêncio”, a protagonista consagra suas contas em nome de Oxum, orixá feminina geralmente representada por contas douradas, âmbar ou amarelas, e rainha das águas doces. Na conclusão do conto, percebe-se, então, uma forte presença da água e a marca de seu potencial renovador. Em diversas crenças, “A água simboliza purificação e, em muitas religiões, é usada para benzer, para curar e purificar, eliminando todo o mal e representando vida nova” (CARNEIRO, 2019, p. 71). Portanto, além da imagem de “limpeza” dos males, a água também pode representar a própria capacidade de gerar vida, outra força associada a Oxum que “[...] representa o poder feminino através do arquétipo da mulher elegante e amorosa, mas também inteligente, determinada, persistente, desinibida e senhora da fertilidade.” (HEMERLY, 2018). Ou seja, quando o narrador descreve que “Rapidamente sua imagem se dissolve” (LIMA, 2017, p. 40), a protagonista não apenas se liberta de todos os “retratos” superficiais (identidades) anteriores, como também renasce por meio da fé.



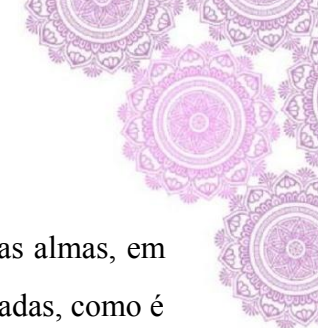
Já em “Milho ou feijão”, é mencionado Ogum, orixá guerreiro, de força temível e admirável, associado à proteção e também conhecido como “o orixá que abre os caminhos”. Contudo, apesar de não retratada explicitamente, vale ressaltar, ainda, a orixá Nanã, sincretizada pela Nossa Senhora da Boa Morte, já que o conto constitui-se como uma descrição lírica e subjetiva da procissão e festejo realizados em Cachoeira (BA) — local de residência de Aidil — em sua homenagem durante o mês de agosto, e organizado pela Irmandade da Boa Morte.

Naná, semelhante a Oxum, é outra orixá feminina relacionada à água, porém, em seu caso, às águas paradas, aos pântanos e às terras úmidas. É considerada a mãe de todos os seres, já que, segundo a tradição iorubá, ela foi a responsável pela criação do molde do ser humano a partir do barro. Percebe-se assim, mais uma vez, o poder do sagrado feminino relacionado ao dom da criação e da vida. Contudo, por ser associada à mistura da água e terra, a orixá se encontra entre os domínios da vida (água) e da morte (terra), representando simultaneamente a origem e o fim; aspecto que se explicita na frase de encerramento do conto: “O milho confirmou o nome Irmandade da Boa Morte. Elas aprenderam a perder a memória da dor, coagulando o tempo na felicidade, *servindo para as duas finalidades, vida e morte.*” (LIMA, 2017, p. 65).

Essas “duas finalidades” representam, ainda, os principais propósitos da Irmandade da Boa Morte. Além das atividades religiosas, geralmente relacionadas à morte, como se faz presente em seu próprio nome e é reafirmado por Nilza Prado — Irmã que, no ano de 2019, ocupava o cargo de provedora, uma das principais hierarquias da confraria — em reportagem para o Portal de Notícias G1 (FERNANDES; RODRIGUES, 2019): “Pedir uma boa morte sempre se fez presente. Quando os negros não eram bem tratados, sempre pediam uma boa morte. Pedíamos a intercessão de Maria, para morrer bem junto a ela”; a Irmandade possui um histórico social de estima, sendo responsável pela alforria de inúmeros escravos, e até os dias de hoje perpetuando esses caminhos de luz e esperança na vida dos marginalizados, através de novos projetos sociais.

Considerações finais

Por meio da discussão traçada ao longo deste artigo, foi possível compreender a importância da subversão do cânone literário como forma de abrir espaço para as vozes de mulheres negras que,



na literatura, encontraram a chance de desenrolar os fios de opressão que teceram suas almas, em virtude de um sistema que historicamente procura silenciar expressividades marginalizadas, como é perceptível na obra de Aidil Araújo Lima através da representação da experiência de interseccionalidade entre raça, gênero e religião.

Assim sendo, pudemos perceber, mediante os contos “Fio de silêncio” e “Milho ou feijão”, a importância da religião e da comunidade como ruptura com uma identidade que antes se mostrava frágil e fragmentada, moldada, ainda, sob o ponto de vista do Outro; e a construção de uma rede de apoio em que o poder advém do autoconhecimento e afirmação da própria voz, promovendo um reencontro consigo através do sagrado e reconhecimento em continuidade com o coletivo. Portanto, apesar do preconceito que permeia as vertentes religiosas de matriz africana, percebe-se como estas se configuram como espaço de acolhimento e resistência, possuindo um papel social de grande relevância na luta negra.

Neste sentido, conclui-se que ainda há um longo caminho a ser percorrido no que tange à análise da produção literária de vozes femininas que permanecem obscuras sobre a sombra do patriarcado. Todavia, trabalhos que almejam subverter tal realidade se configuram como microrresistências, que, quando postas em conjunto, tornam-se capazes de reescrever a história sob um viés mais igualitário, em que questões como raça, gênero, religião, não sejam impasses que a tornem menores, e sim, particularidades que precisam ser reconhecidas e apreciadas; tendo que vista que evidenciam a riqueza da cultura brasileira, que tem raízes, sobretudo, na ancestralidade africana.

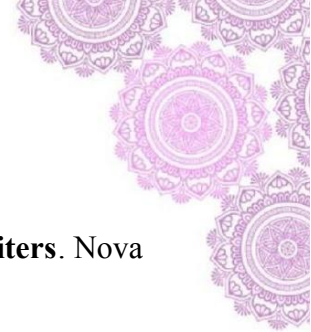
Referências

ALMEIDA, Rogério. **DA PENA DIVINA PINGOU A PRIMEIRA GOTA DE TINTA: O NARRAR COMO UMA JORNADA PARA A VIDA EM HABIBI**. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 2, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CARNEIRO, Silvana Monteiro de Castro. **A SIMBOLOGIA DA ÁGUA E O SEU PAPEL NA IDENTIDADE CULTURAL LOCAL: O RIO PARAÍBA DO SUL NO CONTEXTO URBANO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ**. Revista Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas Abril de 2019, v.9 , n.24 , p. 69-80.





CHRISTIAN, Barbara. **Black Feminist Criticism, Perspectives on Black Women Writers**. Nova York: Pergamon, 1985, p. 172

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org). **Pensamento feminista - conceitos fundamentais**, Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p: 271 - 312.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e Literatura no Brasil**. Estudos avançados: 2003, p. 151-172.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Lisboa: Editora Arcádia, 1979.

FERNANDES, Phael. RODRIGUES, Danutta. **Irmandade da Boa Morte**: G1 conta história da festa secular do recôncavo que resiste ao tempo. Portal G1, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/08/13/irmandade-da-boa-morte-g1-conta-historia-da-festa-secular-do-reconcavo-que-resiste-ao-tempo.ghtml>>. Acesso em out. de 2021.

GAIA, Ronan da Silva Parreira; *et al.* **Contribuições das religiões de Matriz Africana para a Etnopsicologia brasileira**. Revista Sociais & Humanas: n. 1, v. 34, p. 24-36, 2021.

GONZÁLES, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. *In*: Revista Ciências Sociais, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HEMERLY, Giovanna. **Oxum e o poder feminino no Candomblé**. Agência de Notícias em CT&I – Ciência e Cultura. Disponível em: <<http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/noticias/quem-e-oxum-o-poder-do-feminino-no-candomble/>>. 2018. Acesso em: out. de 2021.

LIMA, Aidil Araújo. **Mulheres sagradas**. Cachoeira: Portuário Atelier Editorial, 2017.

ROMANI, Danielle. **Fios e contas**: símbolos de fé e proteção. Revista Continente. Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/edicoes/152/fios-e-contas--simbolos-de-fe-e-protecao>>. 2013. Acesso em: out. de 2021.

SANTANA, Rita. **O oráculo de Aidil**. *In*: LIMA, Aidil Araújo. **Mulheres sagradas**. Cachoeira: Portuário Atelier, 2017.

SIMONI, Rosinalda Côrrea da Silva. **Ancestralidade feminina**: Da essência do Sagrado aos movimentos feministas, mulheres negras e representatividade. Fragmentos de cultura, Goiânia, v. 29, n. 2, p. 293-300, 2019.

